

SETOR TERCIÁRIO DA ECONOMIA E ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO URBANO: UMA BREVE ANÁLISE A LUZ DE SEUS ASPECTOS HISTÓRICOS E SOCIAIS

Gerson Gomes do NASCIMENTO

RESUMO

Este trabalho tem por objeto principal de estudo a apreensão e análise da realidade humana em sua relação com a organização sócio-espacial das atividades do setor terciário, visando, entre outros aspectos, o estímulo à discussão bem como ao debate sobre a temática em questão, apreendendo sua essência num processo dinâmico e inacabado de constituição. Com efeito, o espaço e a importância que esse setor da economia e, mais precisamente, os serviços vêm ocupando nas economias urbanas sob o contexto do atual período da globalização, têm contribuído sobremaneira para o alargamento deste campo de estudo, preenchendo lacunas deixadas pela desindustrialização, elevando as taxas de desemprego em função da sua reconfiguração sócio-espacial, incluindo aí a recomposição orgânica do setor produtivo e, por conseguinte, desempenhado um papel ideológico como mecanismo menos rígido e mais flexível de engajamento de indivíduos nos momentos de crises cíclicas do mercado de trabalho.

Palavras-chave: Organização Sócio-espacial; Setor Terciário; Espaço Urbano.

ABSTRACT

This work is main subject of study and analysis of the seizure human reality in its relationship with the organization social-sector tertiary activities, targeting, among other things, the stimulus to discussion and the debate on the subject in question, seizing its essentially a dynamic process, and unfinished constitution. Indeed, the space and the importance that this sector of the economy and, more specifically, the services are occupying in urban economies in the context of the current period of globalization, have contributed enormously to the extension of this field of study, filling gaps left by industrialization,, increasing unemployment rates according to their social-reconfiguration, including the productive sector of the organic and therefore played a role as ideological mechanism less rigid and more flexible engagement of individuals in moments of cyclical crises of the labour market.

Key words: Organization Sócio-espacial, Tertiary Industry, Urban Space.

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objeto principal de estudo a apreensão e análise da realidade humana em sua relação com a organização sócio-espacial das atividades do setor terciário, visando, entre outros aspectos, o estímulo à discussão bem como ao debate sobre a temática em questão, apreendendo sua essência num processo dinâmico e inacabado de constituição.

Dessa forma, preferimos, em lugar de concluí-lo, deixá-lo em aberto, com o propósito de sempre encorajar as reflexões e espertar o interesse pelas questões aqui levantadas.

Com efeito, o espaço e a importância que esse setor da economia e, mais precisamente, os serviços vêm ocupando nas economias urbanas sob o contexto do atual período da globalização, têm contribuído sobremaneira para o alargamento deste campo de estudo, preenchendo lacunas deixadas pela desindustrialização, elevando as taxas de desemprego em função da sua reconfiguração socioespacial, incluindo aí a recomposição orgânica do setor produtivo e, por conseguinte, desempenhado um papel ideológico como mecanismo menos rígido e mais flexível de engajamento de indivíduos nos momentos de crises cíclicas do mercado de trabalho.

Na atualidade, é essa a visão, a de uma nova era econômica, a globalização, que é, pelas características aqui apresentadas, a mais analisada e a mais debatida. Assim, dentre numerosas características desse fenômeno, destacamos o seu avanço tecnológico e científico. Consequentemente, como resultado desses grandes avanços, tem havido uma crescente aceleração em todos os setores da vida. No campo da economia, tem havido um enorme crescimento dos fluxos de capitais tanto produtivos como especulativos, como também de mercadorias pelo mundo, uma vez que após a Segunda Guerra Mundial, o comércio e os serviços cresceram mais que o dobro do produto mundial bruto, tendência que vem se mantendo ao longo dos últimos anos.

A expansão histórica da atividade terciária mundial, sobretudo nos dias atuais, é resultado de acordos interestaduais no âmbito da OMC (Organização Mundial do Comércio) desde 1995, como também da dinâmica alcançada decorrente do próprio capitalismo hoje. Com o crescimento das corporações nos países do centro do sistema capitalista e com o aumento da competitividade entre elas, houve uma crescente busca de novos mercados para o escoamento de seus produtos bem como a implantação de novas plantas industriais, aproveitando as vantagens competitivas oferecidas por muitos países periféricos. Esse movimento colaborou substancialmente para a industrialização de muitos países hoje em desenvolvimento como é o caso do Brasil.

Os mercados de capitais são globalmente interdependentes na atual conjuntura, fato muito importante na economia capitalista. Nesse contexto, o capital é gerenciado todo o tempo em mercados financeiros globalmente integrados, funcionando em tempo real pela primeira vez na história. Transações no valor de bilhões de dólares são realizadas em questão de segundos, através de circuitos eletrônicos por todo o mundo. As novas tecnologias permitem que o capital seja transportado de um lado para o outro entre

economias em curtíssimo prazo, de forma que o capital e, portanto, poupança e investimentos, estão interconectados em todo o mundo, de bancos a fundos de pensão, bolsa de valores e câmbio. Os fluxos financeiros, portanto, tiveram um crescimento impressionante em volume, velocidade, complexidade e conectividade (CASTELLS, 2002).

Hoje, essa atividade em tempos de globalização, se tornou uma das mais importantes e promissoras no mundo, dada o seu poder de transformação que se reflete no espaço, notadamente no espaço urbano das grandes cidades. Assim, a despeito da existência de estudos tidos como clássicos acerca desse setor promissor da economia, realizados por estudiosos pioneiros, no que se refere a toda uma dinâmica dessa atividade como os de C. Clark, A. Fisher e D. Bell nos Estados Unidos, bem como os de J. Fourastié na França, esse setor foi, durante um longo período, totalmente desprezado por vários especialistas, notadamente aqueles da área crítica da ciência social.

Nesta perspectiva, segundo Castilho (1999) *apud* Ecalle (1989), A. Smith e K. Marx, teóricos e práticos extremamente conhecidos e bem conceituados, no que se refere à economia política, haviam considerado o terciário como “um ramo improdutivo e parasitário, portanto, indigno da sua atenção”, uma vez que somente as atividades explicitamente produtivas (setores primário e secundário da economia), deveriam merecer a atenção dos estudiosos interessados pela questão econômica, resultando este fato em uma não estimulação de interesse, ao menos de forma imediata, bem como aprofundada, no que se refere às análises do setor terciário, sobretudo na área da ciência social. Sobre este fato, o autor nos mostra que

Ademais, além do fato da primazia dos setores produtivos – primário e secundário – atraírem os maiores interesses das preocupações científicas, e do descaso para com o terciário, considerado como *parasitário*; este setor ainda não havia, pelo menos até a segunda metade do século XX, dado o seu grande salto no âmbito da economia mundial; que só viria a acontecer ao longo das três últimas décadas daquele século, sob o período histórico definido por D. Harvey (1996) como período da transição do fordismo à acumulação flexível, inerente ao contexto da globalização (CASTILHO, 1998).

Na atualidade, não se pode negar, principalmente no período da globalização, o espaço bem como a importância que esse setor, notadamente os serviços conseguiram ocupar nas economias urbanas, uma vez comprovadas a sua contribuição, no que se refere

ao alargamento desta área do conhecimento enquanto campo de estudo, preenchendo lacunas deixadas em decorrência da desindustrialização, fato que, precisamente elevou as taxas de desemprego em razão da sua reconfiguração socioespacial, incluindo, neste caso específico, a recomposição orgânica do setor dito produtivo e, por conseguinte, passando a desempenhar um forte papel ideológico como forma de mecanismo menos rígido, logo, mais flexível no que se refere ao engajamento de pessoas naqueles momentos de crise cíclicas do mercado de trabalho.

Assim, é nessa perspectiva que se alargam a análise geográfica, ou seja, na medida em que esse setor desempenha de forma progressiva um papel cada vez mais importante no processo de organização espacial da sociedade, notadamente nas sociedades urbanas, em tempos de globalização. Nesse sentido, cada período histórico se caracteriza pela existência de um conjunto coerente de elementos de ordem econômica, social e política, que constituem um verdadeiro sistema. Cada um desses períodos representa uma modernização, isto é, a generalização de uma inovação vinculada de um período anterior da fase imediatamente precedente.

As modernizações atuais, ou seja, decorrentes da atual fase da globalização, são comandadas pela força da grande indústria, representada essencialmente pelas firmas multinacionais e seus suportes, tais como as formas modernas de difusão de informações. O peso da tecnologia é grande e, às vezes esmagador, dando à pesquisa um papel autônomo no interior do sistema. O período atual, se diferencia nitidamente dos procedentes por sua capacidade nova de revolucionização, uma delas se refere ao enorme crescimento do setor de serviços no mundo. Pela primeira vez na história dos países subdesenvolvidos, duas variáveis elaboradas no centro do sistema encontram uma difusão generalizada nos países periféricos. Trata-se da informação e do consumo, a primeira estando a serviço do segundo, cuja generalização constitui um fator fundamental de transformação da economia, da sociedade bem como da organização do espaço, principalmente, como já mencionado, o espaço urbano.

No que concerne ao espaço, às repercussões desse novo período histórico são múltiplas e profundas para os países tanto desenvolvidos quanto subdesenvolvidos. A difusão da informação e a de novas formas de consumo advindo, principalmente do grande crescimento do setor terciário da economia, constitui dois dados maiores da explicação geográfica. Assim, por intermédio das suas diferentes repercussões, elas são ao mesmo tempo geradoras de forças de concentração e de forças de dispersão, cuja atuação define as formas de organização do espaço. Nesse contexto, a revolução no domínio do consumo

atrelado ao grande crescimento do setor terciário foi acompanhada, segundo Furtado (1968, p. 97), da “deformação da estrutura do consumo, acarretando novas formas de produção bem como do comércio e serviços na produção/reprodução do espaço urbano nas cidades”. É nesse sentido que encaminharemos nossas discussões no próximo tópico deste trabalho.

2 OS ANTECEDENTES HISTÓRICOS DO SETOR TERCIÁRIO E SUA RELAÇÃO COM A ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO URBANO

Em outro momento já afirmamos a importância do setor terciário da economia para o dinamismo dos espaços urbanos, bem como atentamos que este fato não é recente na história da humanidade, todavia, devemos levar também em consideração que, com o surgimento dos primeiros núcleos urbanos, necessitava-se cada vez mais de novos produtos, fato que resultava e fazia crescer de forma rápida, novas atividades terciárias nesses núcleos. Sobre este fato, Castilho (1998) coloca que todo esse fato

Aparece simultaneamente, a necessidade de administração, de polícia, de impostos etc., em uma palavra, a necessidade política em geral [...]. A cidade já é o fato da concentração da população, dos instrumentos de produção, do capital, dos prazeres e das necessidades [inerentes às formações sócio-espaciais constituídas].

Dessa forma, pelas palavras do autor, podemos observar que o setor terciário em não constituindo um processo recente, ao contrário, muito antigo o qual sempre acompanhou a própria sociedade ao longo do seu desenvolvimento, ou seja, desde a gênese das primeiras cidades, logo, da sua formação socioespacial, vem mantendo, ao longo dessa história, um papel extremamente importante como elemento dinamizador da vida urbana, produzindo e reproduzindo o espaço geográfico que lhe serve de suporte. Assim, essa tônica forte desse setor se manifestar ao longo do tempo nos centros urbanos vem produzindo/reproduzindo espaços, dando nova reconfiguração geográfica a certas áreas das cidades, notadamente aquelas ligadas a esse setor.

Nesse contexto, as relações entre comércio e a cidade perdem-se no tempo. Embora nem todas as cidades sejam “filhas” do comércio, como propõe Henry Pirenne, ou um lugar de mercado no entendimento de Max Weber, em nenhuma civilização, a vida urbana floresceu sem a sua presença ou influência mais ou menos direta. O comércio bem como os serviços faz parte da razão de ser da cidade, ou seja, viabiliza a existência, explica sua organização bem como justifica inúmeros movimentos que se desenvolvem no seu interior.

Através do comércio e dos lugares em que este se exerce, satisfazem-se necessidades, realizam-se desejos, veicula-se informação, difundem-se inovações e desenvolvem-se laços de sociabilidade.

A título de exemplo, podemos evidenciar que na idade antiga, havia cidades que desempenhavam, sobretudo, funções de conotação explicitamente políticas como Esparta, bem como cidades que, além destas funções, desenvolviam também um significativo comércio, se constituindo em verdadeiros entrepostos econômicos e comerciais da época, como é o caso de Atenas e Roma. Ressaltamos, entretanto que, essas últimas conseguiam atrair tanto populações residentes a sua hinterlândia, bem como aquelas que se deslocavam de lugares bem mais longínquos para elas, muitas vezes movidas pelo interesse de se aproveitarem dos benefícios ali existentes devido às atividades terciárias (CASTILHO, 1998).

No entanto, todo esse crescimento urbano suscitava, portanto, a implementação de uma gama de serviços que, por sua vez, estavam atrelados às necessidades diretas das suas populações locais, bem como a todos aqueles que a visitavam ou por ali passavam. Assim, as primeiras necessidades estavam ligadas diretamente aos serviços de governo, comércio, consumo da produção, controle do fluxo populacional e do território local, ao passo que as segundas necessidades ligavam-se mais à questão da recepção aos forasteiros, dentre os quais destacamos os serviços de albergues, tavernas, abastecimentos, feiras, pontos de recuperação das energias físicas dos animais de tração entre outros.

Segundo Castilho, (1998) toda essa dinâmica socioespacial predominou, como elementos definidores da paisagem urbana, durante toda a Antiguidade e Idade Média, havendo, com certeza, exceções representadas por algumas cidades que, devido à alta complexidade da sua formação sócio-espacial, apresentavam esquemas de organização espacial bem mais complexas e amplas, a exemplo dos casos das inúmeras capitais de impérios e reinos existentes nesse período. De toda forma, segundo o autor, não se pode negar em hipóteses alguma a influência desse setor da economia na produção/reprodução urbana das cidades desde a antiguidade até os dias atuais.

Assim, no apagar das luzes da Idade Média, mais precisamente durante o período Renascentista, período esse caracterizado por muitas contestações bem como por uma total redefinição do sistema feudal, quando nos referimos ao aumento do intercâmbio comercial, de toda a ampliação do mercado consumidor, da unificação da moeda, do incremento dos fluxos de pessoas e mercadorias bem como do avanço e melhoramento dos meios de transportes, comunicação e segurança e do advento do capital mercantil, não pode se negar

que o dinamismo das cidades tanto conheceu como tomou grande impulso, principalmente nos lugares de maior dinamicidade. A esse respeito, Huberman (1985) afirma que

Se é de fato que as cidades crescem em regiões onde o comércio tem uma expansão rápida, na Idade Média temos de procurar cidades em crescimento na Itália e Holanda. E é exatamente onde elas surgiram primeiro. À medida que o comércio continuava a se expandir, surgiam cidades nos locais em que duas estradas se encontravam, ou na embocadura de um rio, ou ainda onde a terra apresentava um declive adequado. Tais eram os lugares que os mercadores procuravam. Neles, além disso, havia geralmente uma igreja ou uma zona fortificada chamada 'burgo' que assegurava proteção em caso de ataque. Mercadores errantes descansando nos intervalos de suas longas viagens, esperando o degelo de um rio congelado, ou que uma estrada lamacenta se tornasse transitável outra vez, naturalmente se deteriam próximo aos muros de uma fortaleza, ou à sombra da catedral. [...] O povo começou a deixar suas velhas cidades feudais para iniciar vida nova nessas ativas cidades em progresso. A expansão do comércio significava trabalho para maior número de pessoas e estas afluíam à cidade, a fim de obtê-lo (HUBERMAN, 1985).

Nesse contexto, as cidades cresciam e se desenvolviam, tanto no que se refere ao seu espaço intra-urbano como também em toda sua hinterlândia, tendo, como consequência direta desse fato, a sua articulação a vários outros centros urbanos, fato que, segundo Castilho (1998), se tornou mais evidente, através do exemplo das cidades capitais dos Estados-Nacionais, tais como: Estocolmo, Londres, Lisboa, Madrid, Moscou, Paris, Viena entre outras, fato que também aconteceu com diversos centros urbanos regionais, os quais, no período barroco, tornavam-se manifestações menores quando comparadas àquelas metrópoles capitais, mas que se constituíam em capitais regionais hierarquicamente articuladas as primeiras. É desta forma que se tem um primeiro esboço para a formação das futuras redes urbanas nacionais.

Desta forma, todas as cidades que viessem a possuir muitos serviços, principalmente aqueles diretamente ligados à direção nacional, controlariam aquelas que, por sua vez, só viriam a possuir certos tipos de serviços cuja dimensão se limitava ao nível da direção regional, e assim sucessivamente, articulando, na maioria das vezes, uma verdadeira rede

urbana, fato que, posteriormente, veio a se confirmar, no que se refere à questão da hierarquia urbana. Assim, a

Dependência dos centros secundários com respeito aos centros principais se deve simplesmente à ausência de certos serviços que abriga as pequenas cidades, quando têm necessidade desses serviços, a recorrer à cidade grande mais próxima [seja ela um centro sub-regional, regional ou nacional]... a própria função de capital nacional assume aspectos diferentes conforme a estrutura do país seja centralista ou federalista; pode ser agrupada numa cidade ou dividida entre várias cidades. Ora as metrópoles regionais se afirmam como os centros maiores da vida de relações, caso da Alemanha, ora se subordinam estreitamente à capital nacional, caso da França (ROCHEFORT, 1998).

É conveniente lembrar, ainda que, não poderíamos deixar de colocar neste momento, o fato de que muitas cidades constituírem, a seu turno, centros religiosos muito importantes que, por sua vez, conseguiam atrair, frequentemente e, territorialmente falando, significativos contingentes de população as quais, chegando a essas cidades, buscavam, entre outras coisas, os serviços de caráter religioso. A cidade de Roma se tornou um ótimo exemplo, nesse período, como sendo um centro da comunidade católica em praticamente todo o mundo ocidental, na qual a sua função religiosa era aliada a tantas outras funções urbanas que, em conjunto, davam a tônica da dinamização sua economia urbana.

Outro aspecto importante que deve ser observado é que, além das funções político-administrativas, comerciais e religiosas que foram acima consideradas, as cidades também concentravam outras tantas funções que estavam diretamente vinculadas ao seu novo dinamismo econômico e comercial, como centros hegemônicos em escala nacional dos seus respectivos Estados. Assim, dentre as funções que estas exerciam, podemos destacar a formação de pessoal técnico, médio e superior, tendo em vista a viabilização bem como o controle socioespacial do sistema capitalista, sob o contexto da fase mercantil que se verificava na época, calcados em expansão e conquistas de territórios além ocidente europeu, ou seja, tanto no seu nível internacional quanto nacional, bem como no aspecto local.

Com relação a este último aspecto, se faz necessário colocar o caso do surgimento das corporações de ofício, uma vez que eram estas que prestavam serviços extremamente relevantes relacionados à proteção dos artesãos ao longo de todo esse período histórico. Deve-se lembrar, então que, tudo isso ocorreu numa época em que havia a

[...] concorrência dos servos fugitivos que não cessavam de afluir às cidades e, com isso, a necessidade de uma força militar urbana organizada, o vínculo da propriedade em comum com o determinado trabalho, a necessidade de edifícios comuns para a venda d mercadorias – [...] os artesãos também [comerciantes] – e a conseqüente exclusão de pessoas não qualificadas de tais estabelecimentos, a oposição de interesses entre os diferentes ofícios, a necessidade de proteger o trabalho aprendido a duras penas e a organização feudal de todo o país (CASTILHO *apud* MARX e ENGELS, 1998).

Assim, foi esse conjunto de fatores que, de certa forma, levaram os artesãos de cada ofício a se unirem em corporações, uma vez que talvez fosse, nesse momento histórico, a única condição que estes tinham para desenvolver as atividades produtivas urbanas. Desta forma, atividades terciárias e produtivas já davam indícios de articulação, visando entre outros aspectos, à promoção da aceleração da acumulação primitiva do capital. Todavia, durante a Idade Moderna, mais necessariamente durante o período da consolidação da Revolução Comercial, a qual havia sido a principal responsável pelo acelerado impulso do processo de mundialização do capitalismo, numa escala explicitamente mais mundial, as atividades relacionadas ao comércio conheceram um desenvolvimento sem precedentes.

Esse fato suscitou, de certa forma, a implementação de certa infra-estrutura como portos no mundo inteiro, os quais passaram a prestar serviços, num primeiro momento, a todas as embarcações bem como às populações tripulantes ligadas aos processos de pilhagem e colonização, fato que resultou na ampliação da rede urbana global. Todavia, ao passo em que estas cidades portuárias, mediante os serviços prestados ao comércio mundial, articulavam-se com o mundo, ocorria, gradativamente uma estruturação com os lugares situados na sua hinterlândia. No começo, através da rede fluvial, do século XVI ao século XIX, e, posteriormente por terra. Neste último caso, principalmente, via implementação e ampliação de uma malha ferroviária que, na época, era o meio de transporte proeminente da segunda metade deste século.

Nesse sentido, foi justamente no decorrer deste período que se criaram, bem como se ampliaram de forma significativa os serviços de formação técnico-profissionais e os educacionais nos países colonizadores, fato que pode ser atestado devido à expansão do número de escolas de ensino profissional e universitário nesses países, visando, principalmente o fortalecimento, controle e domínio dos seus Estados-Nacionais, no que se refere a seus próprios territórios, logo, dos seus mercados, bem como sobre os territórios e

mercados recém-conquistados e formados além-mar que num futuro breve serviriam de exportadores de matéria-prima e mercados consumidores dos produtos advindos das metrópoles ocidentais.

Posteriormente, e ao mesmo tempo, na Idade Contemporânea, logo após a Primeira Revolução Industrial, ocorrida na segunda metade do século XVIII, primeiramente na Inglaterra e, posteriormente em outros países da Europa, a intensificação da produção industrial, provocou de forma contundente a transferência bem como a fixação de populações que antes residiam em áreas rurais naquelas cidades que se industrializavam, o que por sua vez, deu grande contribuição e impulsionou de forma positiva o crescimento urbano, suscitando, por sua vez, a implantação de uma gama muito grande de serviços destinados à sua própria reprodução socioeconômica tais como: serviços referentes à saúde, educação, saneamento básico, segurança, cultura, lazer entre outros aspectos.

Devemos recordar também que, os gestores das chamadas “cidades industriais” sempre encorajaram a expansão dos serviços quer fosse para atender as suas necessidades diretas, no que se refere à produção, quer seja aquelas das populações imediatamente ligadas ao trabalho e ao capital, vinculadas a essas atividades. Portanto, essas cidades se constituíam em verdadeiros ‘tormentos’ para os operários e para muitos dos moradores que ali viviam, devido às precárias condições de infra-estrutura verificadas nessas cidades nesse período, uma vez que não havia ainda serviços sociais geridos pelo Estado. Dessa forma, as primeiras populações ali instaladas, viviam sob péssimas condições de vida.

Todavia, mais tarde, a “consciência” advinda da classe política, incomodada o suficiente com mau cheiro dos esgotos destas cidades, bem como da própria sociedade civil, passou a motivar diversas formas de luta em prol do acesso a serviços sociais que lhes garantissem melhores condições de trabalho bem como de vida e segurança, o que, numa sociedade capitalista, apenas o Estado poderia assumir o papel de provedor desses serviços à sociedade.

Contudo, muitas vezes, esses serviços só eram conquistados através de uma longa e difícil batalha, ou seja, através do difícil processo de lutas sociopolíticas após a formação de organizações e grandes mobilizações sociais a fim de amenizar as injustiças socioespaciais existentes no seio da sociedade capitalista, produto de um longo processo de acumulação a todo custo e sem a realização dos investimentos necessários à melhoria da qualidade de vida no trabalho bem como na vida social cotidiana (CASTILHO, 1998).

Como podemos observar, a dinâmica dos serviços sempre esteve atrelada à formação histórico-territorial dos espaços urbanos, desde seus primórdios, seguindo, frequentemente,

as necessidades das funções bem como da demanda social inerentes a cada formação, fato que se deve a própria demanda por serviços que está vinculada ao consumo das famílias, das empresas e dos Estados.

Estes, por sua vez, constituem os principais agentes socioespaciais construtores da cidade. Na atualidade, o que é novo, se refere ao vertiginoso crescimento dessa atividade no mundo inteiro, fato que é parcialmente explicado pela consolidação do processo de urbanização verificado no mundo hoje bem como a própria continuidade do processo de liberação de mão-de-obra dos setores primário e secundário, além da própria retomada do desenvolvimento de espaços locais como solução imediata, e/ou até mesmo como panacéia à tentativa de solução de problemas socioeconômicos tais como aqueles vinculados ao desemprego e à exclusão sócio-espacial.

Dessa forma, podemos afirmar que o crescimento do espaço urbano bem como a própria urbanização suscitou, portanto, os serviços cada vez mais especializados naquelas necessidades das novas atividades urbanas tais como: ensino superior, pesquisa, extensão, planejamento, informação entre outras, bem como dos novos estilos de vida a eles associados, principalmente, a valores próprios do hedonismo. Vale ainda salientar que, no caso específico das atividades de ensino, o forte impulso verificado nos dias atuais está diretamente relacionado com as idéias e desejos de mobilidade social por parte da sociedade, e que, no caso da pesquisa, do planejamento e da extensão, são as necessidades de se obter maior controle sobre os territórios e dos fluxos populacionais por parte dos administradores públicos e privados que reside a explicação de impulso desse setor na atualidade.

Ademais, outros serviços também vêm conhecendo e demandando um forte impulso durante os últimos tempos, em razão do desenvolvimento de novas exigências e necessidades socioculturais bem como recreacionais que, por sua vez, estão ligadas ao grande dinamismo contemporâneo ligadas aos ramos do turismo, lazer, gastronomia e entretenimento nos diversos mercados quer seja global, nacional, regional e/ou local existentes.

Assim, um número cada vez maior de objetos espaciais vem conhecendo um processo de expansão nos mais diferentes espaços urbanos a exemplo de bares, restaurantes, casas de diversão, *shopping-centers*, boates, teatros, cinemas, quadras de esportes, bibliotecas virtuais, videolocadoras, parques temáticos, *lan houses*, *cybercafés*, centros comerciais entre outros, modificando e/ou reconfigurando áreas inteiras na cidade. Sobre estes últimos, Salgueiro e Cachinho (2002), nos lembram que

Se o consumo constitui o ritual por excelência da sociedade urbana pós-moderna, os centros comerciais são, indiscutivelmente os santuários onde este se realiza em todo o seu esplendor. Neles se celebra permanentemente a grande homilia dos objetos e, por isso aqui, melhor do que qualquer outro lugar de culto, público ou privado, os indivíduos-consumidores, mesmo os mais ecléticos, conseguem encontrar todos os lenitivos materiais e espirituais de que necessitam para satisfazer o seu ego, levantar a moral, combater a angústia e a ansiedade, imaginar e partilhar anonimamente com os outros a felicidade. Os centros comerciais proporcionam tudo isto e muito mais, alegremente, em tom festivo e carnavalesco, em conforto e liberdade, sem exercer aparentemente qualquer tipo de coerção.

Com efeito, devemos reiterar que, na atualidade, as transformações que estão surgindo no âmbito do estilo de vida calcada no aumento bem como na aceleração do consumo, têm contribuído substancialmente para o grande crescimento do setor de serviços, os quais, dessa forma, têm consolidado o seu papel como elementos fundamentais a toda essa dinâmica relacionada aos espaços urbanos no mundo inteiro. Neste sentido, da mesma maneira que não existem cidades sem habitações, igualmente não existem cidades sem serviços. Posteriormente, notadamente em função do crescente aumento da demanda social, tem-se, frequentemente, a formação efetiva de espaços de consumo, os quais intensificarão cada vez mais a expansão desse promissor setor da economia.

No que se refere às relações entre o setor terciário e o industrial, as quais, como já evidenciado, já se faziam acontecer no final da Idade Média, vale lembrar que, para as grandes cidades dos países antigos *“a cidade preexistia à Revolução Industrial como centro de mercado, centro comercial, artesanal, bancário, cidade burguesa. Foi porque ela era antes da Revolução Industrial um centro de atividades terciárias que as indústrias ali se fixaram e essa cidade pré-industrial foi promovida à qualidade de grande cidade industrial e capital regional”* (ROCHEFORT, 1998).

Outro fator de extrema importância e que devemos levar em consideração é que os serviços, na economia de qualquer lugar, têm aumentado bastante e de forma progressiva, no que se refere à questão espaço-tempo, em praticamente todos os lugares, todavia, obedecendo a uma dinâmica global que se faz específica devido à diversidade inerente a cada lugar, em função das especificidades socioeconômicas e culturais de suas populações. Isto, frente aos elementos inerentes ao processo cada vez maior de mundialização do

capitalismo na atualidade que, por sua vez prega o consumismo exacerbado, logo, a demanda por novos serviços, tendo consequência direta no espaço urbano, reconfigurando constantemente a sua paisagem.

Sem grande contestação, podemos afirmar que no comércio reside um verdadeiro embrião da vida urbana, naquilo que esta pressupõe de interação, de troca no sentido lato, ou produção/reprodução da inovação. As relações entre a cidade e o comércio são dinâmicas e fundadoras, em ambos os sentidos. Se a cidade é produto das decisões e práticas da ação de vários atores, designadamente as de consumo, essas práticas possuem também uma dimensão espacial. O espaço e, portanto, a cidade, serve de contexto e suporte às ações desenvolvidas pelos atores e é, simultaneamente, mediador das relações e um poderoso agente de diferenciação. É salutar as palavras de Salgueiro e Cachinho ao dizer que o comércio

[...] faz a cidade ao atrair clientes e mercadorias, ao vivificar determinadas áreas e precipitar o declínio de outras, mas a sua evolução, do ponto de vista econômico e espacial é também influenciada pelas mudanças da sociedade, a evolução dos valores e a modificação da estrutura urbana (SALGUEIRO e CACHINHO, 2002).

Dessa forma, na sociedade contemporânea, as áreas destinadas ao setor terciário nas cidades representam muito mais do que simples lugares de compras ou de abastecimento das famílias. Para a grande massa de população urbana, estas se transformam em verdadeiros espaços de vida, simultaneamente, um modo de integração e uma linguagem de comunicação com o mundo social que, por sua vez, para a “nova” cidade, pela importância de sua volumetria e a espetacularidade da sua arquitetura e *design*, bem como pelas multidões que cotidianamente lhe rendem visita e, ainda, pelo papel que desempenham na regeneração e reabilitação de algumas áreas, revelam ser um componente imprescindível à sua organização e funcionamento, atestando o papel fundamental do setor terciário na produção/reprodução e/ou reconfiguração espacial do espaço urbano na atualidade.

3 PARA NÃO CONCLUIR

O setor terciário da economia, notadamente os serviços, se mostram difícil de ser apreendidos e definidos conceitualmente, sobretudo em face da complexibilidade das suas atividades no que tange à sua organização e às relações com os mercados de trabalho e de consumo, o que tem a ver com a própria complexibilidade e dinamicidade do que se

convencionou chamar de setor terciário. Além da sua complexibilidade, existe ainda uma verdadeira confusão quanto à classificação dos seus componentes, fato que se deve, notadamente, à forte imbricação dos elementos na totalidade da economia e da sociedade que não é nosso propósito discuti-los nesse texto.

Em todos os países de capitalismo avançado ou não, o setor terciário da economia tem se constituído na principal fonte de novos empregos e, conseqüentemente, da garantia de mobilidade social dos cidadãos. Todavia, como vivemos num mundo capitalista, cujas condições que o sustentam tornam-se cada vez mais fortes, o Estado, sobretudo nas nações mais fracas quanto à qualidade da capacidade de mobilização social de suas populações, tem estimulado mais o desenvolvimento de serviços de interesse econômico, do mercado, em detrimento do desenvolvimento dos serviços de interesse social.

No que se refere à sua forma de organização sócio-espacial, esse setor acha-se concentrado e/ou desconcentrado no espaço geográfico. As atividades de elevado nível técnico, científico e informacional, os serviços altamente especializados e sofisticados, instalam-se normalmente de modo espacialmente concentrado, ao passo que aqueles serviços mais “banais”, encontram-se espacialmente desconcentrados. Neste último caso, em virtude de serem destinados ao atendimento de necessidades imediatas de um mercado consumidor denso e espalhado geograficamente.

Dessa forma, teve-se assim, durante muito tempo, uma perspectiva de crescimento e diversificação dos serviços em decorrência do desenvolvimento de uma atividade motriz a qual seria a estimuladora da dinâmica espacial dos serviços na cidade. Hoje em dia, com todas as transformações ocorridas na composição orgânica do capital, em vez das indústrias, teríamos outras atividades motrizes, a exemplo daquelas ligadas ao turismo e lazer, a cultura, ao consumo, à tecnologia entre outras. Não que a indústria tenha perdido a sua importância a qual, por sinal, continua importante, entretanto, dividindo a sua participação com o terciário o qual, na cidade, tem sido cada vez mais relevante, ou seja, o próprio terciário também passa a tornar-se, de certa feita, um setor motriz da dinâmica urbana dos nossos dias na atualidade.

4. REFERÊNCIAS

CASTELLS, M. 2002. **A sociedade em rede**. Tradução: Roneide Verâncio Majer. 6ª. ed. Paz e Terra, Rio de Janeiro.

CASTILHO, C.J. de M. 1989. **As Atividades dos serviços, sua história e seu papel na organização do espaço urbano**: uma “nova” perspectiva para a análise geográfica? *Revista de Geografia*, Recife, v. 14, n. 1/2, p.29-89, jan./dez. Versão revisitada.

_____. 1988. *Revista de Geografia*, Recife, v. 14, n. ½, p29-89, jan./dez. Versão revisada.

FURTADO, C. 1968. **Um projeto para o Brasil**. 4ª. Ed. Rio de Janeiro: Saga.

HUBERMAN, L. 1985. **História da Riqueza do Homem**. 20ª. Ed. Rio de Janeiro: Zahar editores.

ROCHEFORT, M. 1998. **Redes e Sistemas**: ensinado sobre o urbano e a região. São Paulo: Hucitec.

SALGUEIRO, T.B.; CACHINHO, H.P. 2002. **Comércio, Consumo e (re)produção do espaço urbano**. Apontamentos de Geografia. Série Investigação, nº. 14. CENTRO DE ESTUDOS GEOGRÁFICOS, Lisboa.